



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



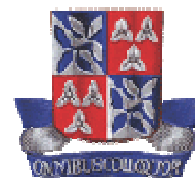
Errantes da solidão cidadina: entre hikikomori e estrangeiros

Salvador - BA

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



**ERRANTES DA SOLIDÃO CIDADINA: ENTRE
HIKIKOMORI E ESTRANGEIROS**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da
Universidade Federal da Bahia, para a obtenção do
título de bacharel no curso de Letras Vernáculas.

Discente: Francine de Almeida Pereira

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Fernanda Mota Pereira

Salvador – BA

2014

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer a todos os grandes e sensíveis mestres que tive, os quais em muito me ensinaram sobre ensino, sensibilidade e vivência com o Outro e consigo.

Um agradecimento especial a minha orientadora por todo apoio e trabalho realizado junto a mim em todo este período de construção de ideias e reflexões para o presente texto.

Por fim, agradeço a minha família e muitas outras pessoas singulares por me permitir ver que a diferença está em todos nós e ela não precisa ser entendida apenas enquanto conceito acadêmico e sim como uma prática no cuidado de si e dos espaços onde transitamos.

RESUMO

Na composição do mensageiro da desventura, de viés baumaniano, este trabalho tece reflexões sobre o homem da solidão, em confluência com Tanis, do cidadão ideal ou materializado por uma norma social, do errante e caminhante da solidão cidadina, acrescido da figura da solidão fora de suas ramificações negativas, em Katz, configurando os estrangeiros, hikikomori e suas poéticas de si. Pensar esses sujeitos assujeitados, marginalizados, patologizados, e a construção de suas subjetividades, de suas autonarrações e narrações construídas para estes, seus conflitos que não estão ordenados segundo uma patologia depressiva ou suicida, mas rica de questionamentos, de perguntas de validade e legitimação, atravessadas por desejos de pertencimento, de reconhecimento e da construção de laços afetivos, são expressos por um estudo comparado qualitativo entre quatro obras e três formas de mídia contemporânea: um anime, *Ergo Proxy*, de Shuko Murase, uma narrativa ficcional, *Juventude*, de Coetzee, um mangá, *Bem-vindo a N.H.K.*, de Tatsuhiko Takimoto e um narrativa jornalística descritiva, em *Shutting out the sun*, de Zielenziger. Tornar-se-á presente neste texto o questionamento e análise do fenômeno hikikomori - termo japonês, mas que não se dá apenas em território nipônico - que se inscreve numa reclusão quase crônica dos indivíduos assim nomeados, descrição aportada por auto relatos cedidos a Zielenziger e a narração ficcional do dia-a-dia de Tatsuhiro Saito; os processos de aculturação e desculturação vivenciados pelos protagonistas John e Vicent Law, em ambientes citadinos distintos, mas que se tangenciam e conectam em processos xenofóbicos, mixofóbicos e restritivos, fortes influenciadores da construção de si destes sujeitos, e do desenvolvimento de uma narrativa de memória, mudança, devir e solidão para os mesmos. A partir deste cenário, o histórico da solidão é desfiado no homem contra o sistema, o desterritorializado em viagens e aquele na multidão; eles estando algumas vezes em busca do Outro e envolvidos por uma contemporaneidade, de indeterminações, de promessas e esperanças não cumpridas, de tecnologia big brother e criadora de vínculos, prenhes de efemeridade ou de toque e pessoalidade. Esses sujeitos são enredados em exigências, expectativas e processos onde a família e/ou as relações amistosas e amorosas dos mais diversos níveis cirandam suas percepções e representam seu papel institucional foucaultiano por excelência, esgarçando suas autorepresentações e derivando suas prioridades a níveis que quando os escapam pendem para a ruptura, a rasura dos espaços-norma e das percepções de pertença, de entre lugar e de lugar de si. Por fim, no choque entre essas grades de realidade os gêneros batalham, e nestas batalhas as relações de poder em que a norma busca instituir suas danças de dominação e força com esses homens, barganhando através de sua inclusão ou não na sociedade de celebração ininterrupta, tem seus esforços embaralhados pela visão da poética do silêncio, da autonomia de si e dos espaços, e da negação do castramento empreendido nas mais jovens idades, em favor da punção criadora e de afastamento pertencentes aos sujeitos criados e configurados na contemporaneidade.

Palavras-chave: Solidão; Hikikomori; estrangeiros.

ABSTRACT

In the construction of the messenger of misfortune, in a baumanian sense, this thesis reflects upon the man in his loneliness, in convergence with Tanis, the ideal citizen or the one materialized by a social standard, on the wanderer or the one who walks in the loneliness of the city, accompanied by the representation of loneliness out of their negative ramifications, in Katz, configuring the foreigners, hikikomori and their poetics of the self. To think about these subjected subjects, marginalized, pathologized, and the construction of their subjectivity, their self narrations and narrations constructed for them, their conflicts which are not organized according to a depressive or suicidal pathology, although rich of questionings, and questions of validity and legitimation, crossed by wishes of belonging, of acknowledgment and of construction of affective bonds are expressed by a qualitative comparative study of four texts and three types of contemporary media: an anime, *Ergo Proxy*, by Shuko Murase, a fictional narrative, *Juventude*, by Coetzee, a manga, *Bem-vindo a N.H.K.*, by Tatsuhiko Takimoto and a descriptive journalistic narrative, in *Shutting out the sun*, by Zielenziger. This text will convey the questioning and analysis of the phenomenon hikikomori – Japanese expression, but that is not limited to a Niponic territory – that expresses a reclusion almost chronic of people who are named this way, a description entailed by self reports given by Zielenziger and the daily fictional narrative by Tatsuhiro Saito; the acculturation and deculturation processes lived by the protagonists John and Vicent Law, in different city contexts, but that cater and connect xenophobic, mixophobic and restrictive processes, having strong influence in the construction of these subjects' self, and the development of a narrative of the memory, change, becoming and loneliness to themselves. From this scenario, the history of loneliness is challenged around men against the system, deterritorializing in journeys and in the crowd; they are sometimes in search of the Other and involved by a contemporary time of indetermination, unfulfilled promises and hopes, of a big brother technology which creates means full of a fleeting sense or of touch and personality. These subjects are created in demands, expectations and processes in which the family and/or relationships of several levels revolve around their perceptions and represent their foucaultian institutional role par excellence, stretching their self-representation and deriving their priorities at a level that when they escape from them they tend to a rupture, an erasure of the standard-spaced of perceptions of belonging, of a space in-between and a space to themselves. In the end, in the shock between these grids of reality of gender battle and in them the relations of Power in which the norm searches for the institution of their dances of domination and fights of strength with these men, bargaining through their inclusion or not in society the uninterrupted celebration, it has her efforts enveloped by the poetic view of the silence, autonomy, and of spaces and the denial of castration undertaken in the youngest ages, in favor of the creative puncture and the distancing belonging to created subjects and engendered in contemporary times.

Keywords: Loneliness; Hikikomori; Foreigners.

SUMÁRIO

RESUMO	Erro! Indicador não definido.
ABSTRACT	Erro! Indicador não definido.
PRIMEIROS PASSOS DE UM PERCURSO: A ENTRADA EM UM LUGAR CHAMADO SILÊNCIO	6
2. VICENT E JOHN: REFLEXÕES SOBRE SUJEITOS EM TERRA ESTRANGEIRA	9
3. FACES DE UM CIDADÃO IDEAL: SOLIDÃO, MEMÓRIAS E TRANSFORMAÇÃO	17
4. HIKIKOMORI: TRAJETÓRIAS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO	23
4.1. Historicidade e contextualização: Individualidade, subjetividade e solidão	24
4.2. Bem-vindo a NHK	27
CIRCUITOS CONECTADOS: PONTOS DE UMA CHEGADA PROVISÓRIA.	33
REFERÊNCIAS	35

Primeiros passos de um percurso: a entrada em um lugar chamado silêncio

Na contemporaneidade, atravessada pelo discurso da igualdade e da justiça social, sobretudo nos países tidos como Ocidentais e pertencentes ao sistema capitalista hegemônico, evidenciam-se sujeitos que se encontram em franco descompasso e desintegração com as formas de liberdade. Tais formas de “liberdade”, por muitas vezes, são um processo castrador das escolhas que não se alinham aos moldes velozes, interativos, continuados e de compulsiva discursividade ilimitada – e os padrões sociais normatizados e globalmente propostos de forma quase imperativa. Esses sujeitos estão às margens das aspirações difundidas no discurso social globalizante constituindo-se como figuras que trilham os caminhos do incompreendido para a normatização e do inaudito para tantos outros que os veem como resistência ou como sintoma reativo de um sistema humano imposto.

A partir desses errantes de caminhos não padronizados, então, se vislumbram os modos de controle social, subsistindo transmutados, e o que não se insere nesses moldes, nesses *standards*, são submetidos a uma discursividade patologizadora, mesmo antes de as organizações globais de saúde se soerguerem como marcos descritivos da “fertilidade” e do “bem viver” dos cidadãos do mundo–, pois a diferença que não pode ser assimilada pelo sistema das coisas é enquadrada dentro do aparato clínico. Esse aparato se inscreve além dos discursos e projetos oficiais e está na escala de “políticas” para a população, estabelecendo, por sua continuada ratificação através da mídia, por exemplo, uma relação de retroalimentação com o “senso comum”. Assim, na mídia, paradigmas se originam e irradiam para o “senso comum” e o inverso também.

Apesar das contribuições que o Renascimento, o pensamento cartesiano e o estruturalismo realizaram ao conhecimento da língua e da análise literária serem reconhecidas, tem sido cada vez mais manifesta a necessidade por um estudo dessas áreas por um viés que se preocupe com a existência, sobrevivência e integração dos sujeitos no seu ambiente social – independentemente da conformação deste ambiente. E, neste esteio, também, é pertinente pensar em como essas estruturas e parâmetros são fortes marcadores para a inscrição subjetiva e as tendências históricas e sociais “caminhantes”.

Há algumas figuras simbólicas que sempre permearam a história das sociedades (muitas vezes circunscrita às figuras masculinas por uma cultura cristã e patriarcal) e, dentre elas, pode-se pôr em evidência o elemento estrangeiro e a estrangeiridade. Esse

termo é utilizado no seu plurisignificado, não sendo conectado tão somente ao deslocamento ocasionado por um exílio, como também, se relacionando com as experiências do autoexílio, da alienação e da plena ruptura do vínculo entre sociedade e sujeito.

Em busca desse cenário de discussão, mesmo que não se pretenda circunscrever, aqui, este fenômeno tão somente a uma periodização precisa, mas possuindo marcas características da contemporaneidade (com a crescente tecnologização dos meios de comunicação), será trazida à análise a figura dos hikikomori (através do mangá *Bem-vindo a N.H.K.*).

Os hikikomori são indivíduos que vivem em um estado agudo de isolamento social e doméstico. Essa visão é corroborada pelo psiquiatra Tamaki Saito, um dos primeiros pesquisadores do fenômeno e psicólogo, que chegou a se deparar com estes quadros, inicialmente, pelo pedido de ajuda de famílias que viam seus filhos (há uma predominância estatística da presença masculina nos casos solicitados) se afastando de qualquer tipo de convivência, incluindo ambientes de trabalho corriqueiros. Essa situação tem sido cada vez mais comum e já foi relatada, inclusive, em uma matéria jornalística por Kremmer and Hamond, na BBC World Service.

Para estes sujeitos, o mundo externo não possui atratividade ou se configura como lugar de sofrimento, medo e tantas outras impressões de teor negativo sob o prisma da sociedade. O isolamento, circunstancialmente, é o modo de vida que confere segurança, portanto, eles transitam somente dentro de suas casas (ou quartos), estabelecem contato direto apenas com familiares ou os “sustentadores” próximos, e suas interações ou pseudocontatos com o mundo “de fora” se dão por vias virtuais, nas horas mais avançadas da noite ou nas madrugadas quando saem para a cidade que dorme.

Concomitantemente, objetivando a caracterização (que tenta não estar limitada pelo paradigma de imagens arquetípicas) de uma estrangeiridade outra, traçada pelos estrangeiros/imigrantes, são utilizadas duas formas de mídia, o animê: *Ergo Proxy* – uma produção japonesa de 2006, sob direção de Shukou Murase e produzido pelo estúdio Manglobe –, e a obra do escritor sul africano Coetzee, intitulada *Juventude* (no original: *Youth*). A partir desses textos, é feita uma análise sobre a figura estrangeira na redoma de Romdo e na sociedade inglesa da década de 60, do século XX, respectivamente.

Nas narrativas mencionadas são delineadas, então: suas trajetórias de realidade imigrante nesses centros urbanos; suas tentativas de descoberta do “Eu” nos espaços citadinos em que estão; a irrupção de seus principais questionamentos; e as incursões nas suas construções subjetivas (de modo consciente ou não) para empreender a resignificação de si a partir de uma realidade imigrante/estrangeira que os cerca e cerceia, muitas vezes. Então, caracterizados alguns de seus principais agentes estruturadores, articulam-se os pontos de contato nos quais os fios da solidão, memórias e transformação (ou não) destes incidem, integrando na tessitura deste caminho Tatsuhiro Sato e sua vivência amalgamada de subjetividades de outros e a sua própria, enquanto hikikomori e pertencente a uma sociedade japonesa no século XXI.

Para melhor circunscrever os momentos finais desta investigação e afastando-se do fechamento no conceito de solidão, foram elencadas as noções de solidão figuradas por Octávio Paz (2006): “[...] o sentir-se e saber-se só, desligado do mundo e alheio a si mesmo, separado de si [...]” (2006, p.175); e SENNET *apud* TANIS (2003) quando trata dos três tipos de solidão: do isolamento imposto pelo poder; do sonhador, que contesta e se revolta; e da ideia da diferença entre o “estar só” e o “sentir-se só” (2003, p.29).

Em termos metodológicos, realiza-se, aqui, uma investigação segundo o viés qualitativo, interconectando conceituações teóricas a trechos das produções. Entre os pontos abordados desse estudo, mencionam-se o contexto em que essas *personae* estão e o isolamento em que elas se conectam e produzem – não preterindo o esclarecimento que estes são representantes de um estrato social particular, que, no entanto, se caracteriza como significativo, na contemporaneidade.

Em termos subjetivos, sociais e culturais, essas reflexões são trazidas à baila em uma tentativa de ouvir as vozes silenciadas por uma gramática homogeneizante do existir, que exclui da cena pessoas que não a seguem. À margem, essas pessoas, compulsoriamente, se resguardam em um território estrangeiro, estranho, circunscritas pela falta de escuta da polifonia de seu silêncio.

2 Vicent e John: reflexões sobre sujeitos em terra estrangeira

O animê, como um dos representantes da mídia contemporânea e da cultura pop japonesa – sendo ela veiculadora de narrativas das mais diversas inspirações, utilizando do fantástico e/ou do cotidiano social contemporâneo, também, para se representar – é um veículo simbólico que, apesar de “focado em seu público, os japoneses” (GOES, MATSUDA, NAGADO, 2011, p.4), teve uma significativa difusão em diversas outras partes do mundo. Pode-se sugerir, como uma primeira hipótese para refletir sobre esta difusão, o advento da globalização, que integra cada vez mais nações e realidades sociopolítico culturais sob a perspectiva do modo de produção (econômico) capitalista – modo adotado por algumas nações apenas pela necessidade de sobrevivência na rede mundial, sendo, no entanto, mantidas suas particularidades (principalmente entre japoneses) enquanto comunidade.

Partindo de uma dessas produções do mercado japonês, é analisado aqui o animê *Ergo Proxy*. Dessa produção, entre as muitas interpretações possíveis (largamente especuladas por fãs nas redes virtuais, sendo esses de diferentes procedências intelectuais, vale ressaltar), infere-se, desde o título, que ela faz alusão à figura do “representante da conclusão”, o “emissário da morte” – nome que aparece no transcorrer do enredo como denominação de uma das personagens. No enredo, um dos protagonistas mais marcadamente explorados é Vincent Law. Ele é representado como uma figura bastante apática, à primeira vista, com uma rotina bem estabelecida, praticamente programada; ele aparenta ter um temperamento submisso, possui um subemprego, e, acima de tudo, estrutura-se pelo desejo de se tornar um cidadão daquela cidade, pois ele é um estrangeiro.

A estrangeiridade é uma marca que confere ao personagem encargos, que são, no entanto, diminuídos ou ignorados por este devido à sua ânsia por um espaço de pertencimento, a partir do qual sua história possa ser escrita, um lugar que possa chamar de seu e onde possa começar a viver. Seja por não recordar plenamente de seu passado ou ter apenas vestígios de memórias, ele se submeterá a situações de grande perigo, tensão e anulação, para alcançar sua quimera.

Dentre muitas regras que existem na “redoma” (cápsula social em formato de cidade), a posição e as funções assumidas pelo estrangeiro estão sempre claras, bem delineadas, fazendo dessas figuras cordas constantemente tensionadas, na berlinda, ou figuras de inquérito e suspeita. Posição que fica talhada no diálogo, no qual Vincent é

pressionado a infringir leis em prol de uma cidadã da cidade e é discriminado pela mesma. Esta figura é a esposa de um membro do alto escalão do poder que desejava ter seu robô criança substituída por um robô governanta, já que lhe havia sido concedido pelas autoridades um filho:

[...]

Cena em plano americano. Vicent está fora de foco e são destacados os elementos da sala, em especial o carrinho de bebê ao fundo. Mulher está ao lado da janela, de lado, com os braços cruzados, entre Vincent e o carrinho.

- Mulher: Oh, sim. De fato.

-Plano médio onde está o carrinho no qual a câmera vai realizando um zoom in aumentando o close no objeto.

Mulher: O Departamento de Bem-Estar e Assuntos Humanos decidiu nos dar a criança que tanto queríamos.

Plano de detalhe na robô, com movimento de câmera, inicialmente no pé desta até o rosto, enquanto os diálogo prosseguem:

Mulher: Então um Autolave que também serve de governanta seria muito útil para a educação e o desenvolvimento da criança. [...]

Vicent: Realmente, os residentes são encorajados a consumir mais. [...] Mas, já que não está infectado... seria contra o regulamento se eu o recebesse como devolução.

- Plongee, cabeça da mulher iluminada, ela é loira e usa um coque clássico no alto da cabeça. Vincent ainda está sentado na posição de exame e numa região mais escura e mais distante.

Mulher: Não me venha com essa. Eu sei que você é um imigrante.

Dois segundos de não movimento ou fala das personagens após essa fala. [silêncio incômodo].

Mulher em contra plongee, ainda sem expressões definidas, como uma sombra, devido à claridade que vem de fora. Cabeça de Vincent fora de foco.

Mulher: Como pode um imigrante não fazer o que eu digo?

Super close nas costas de robô enquanto Vincent fecha o zíper ali presente. Ele continua, no plano de detalhe, a fechar os outros compartimentos.

Mulher: Imigrante desprezível.

Contra plongee, num plano médio. Robô vai se levantando, a mulher falando, até que este finda o movimento.

Mulher: Meu marido é o chefe da Central de Segurança... [...] (Cap. 1. 00:15:03 – 00:15:43)

Não diferentemente de Vicent, mas camuflado por um discurso político globalmente disseminado da necessidade por direitos humanos e atitudes não mixofóbicas – especialmente na sociedade londrina onde se encontra –, John, personagem de *Juventude*, tem uma impressão: “As pessoas com quem trabalha são polidas demais para expressar suas opiniões sobre visitantes estrangeiros. Mesmo assim, a partir de alguns de seus silêncios conclui que não é querido no país delas, não querido positivamente. [...]” (COETZEE, 2005, p.115).

John, protagonista do romance *Juventude*, é alguém que saiu de seu país, a África do Sul, para Londres, em busca de uma mudança de cenário em sua vida – não por ser pobre ou destituído de alguma maneira em sua terra natal – mas, objetivando

se tornar um artista, de conseguir encontrar sua Musa que deflagrará sua “essência” poética, mística. Ele chega à cidade com uma impressão idealizada do espaço, como se torna claro no fragmento seguinte:

Londres pode ser árida, labiríntica e fria, mas por trás de suas paredes cerradas homens e mulheres estão em ação, escrevendo livros, pintando quadros, compondo música. Passa-se por eles todo dia nas ruas sem adivinhar seu segredo, por causa da famosa e admirável reserva britânica. (COETZEE, 2005, p.49)

Até mesmo a ‘reserva britânica’, que sentirá depois de um período maior de permanência como certo desprezo e indiferença, parece-lhe fascinante a princípio.

As duas situações anteriormente expostas pelos protagonistas sugerem duas representações possíveis para o imigrante/estrangeiro: primeiramente, como uma figura a ser ameaçada por uma diferença hierárquica, que é justificada por uma “superioridade naturalizada” da qual se distancia por sua condição; e segundo, como um incômodo necessário, a ser inferiorizado e ignorado, já que não pode ser descartado ou impedido em sua entrada e/ou permanência.

No primeiro fragmento, a presença da violência simbólica ganha contornos substanciais pela premissa da coerção legitimada, entendida e empregada como mecanismo de justificativa da dominação de uns sobre outros ou de uma dita superioridade nas relações de poder.

A relação de poder que existe em todas as instâncias de convívio e apropriação entre seres humanos já foi apontada por Michel Foucault em diversos textos, a exemplo de *Microfísica do Poder*, como uma realidade estabelecida. No prefácio do texto mencionado, o autor Roberto Machado (2010) pontua, ao referir-se às produções de Foucault: “Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (MACHADO, 2010, p. X). A situação exposta, portanto, que poderia ser descrita simplesmente como desconfortável ou ameaçadora, ganha outros caracteres quando se questiona o poder da fala realizada, a fonte deste poder, sua legitimidade e sua influência na relação dialogal criada.

Um dos possíveis encaminhamentos que começa a tomar forma a partir da situação é a ação desapropriadora empreendida pela personagem que coage (a esposa do secretário de segurança de Romdo) ao afirmar, em instância inicial: “Como pode um

imigrante não fazer o que eu digo?” e, posteriormente, com a afirmativa: “Imigrante desprezível.” Vincent, este imigrante, se vê tolhido e pressionado entre duas forças de poder, de prescrições contrárias, que não encontram conciliação por causa da sua busca pela inclusão. Ele está subjugado a uma série de regras (entre elas o regulamento que tem de seguir) e é consciente da sanção que sofrerá pelo descumprimento de uma norma. Além de seu caráter de ameaça, as colocações guardam o germe da rejeição, do não pertencimento, do não lugar, do espaço indeterminado, da identidade sem marcações.

Já no segundo fragmento, o imigrante é um mal necessário, mas inferiorizado, um incômodo, portanto relegado à inacessibilidade aos “naturais” da terra. O nível dessa inacessibilidade varia, porém, em direção ao nível de transmutação do sujeito como invisível e invisibilizado – destino que pode ser conferido a ele por uma fria indiferença, expressa no desvio dos olhares, no não compartilhamento dos espaços de descanso, no silêncio; enfim, são gestos que desencadeiam o sentimento de estar à margem e, muitas vezes, não ser percebido. John sente-se excluído não apenas pelo silêncio que a ele é conferido, mas pela completa inacessibilidade dos outros colegas de trabalho, que muitas vezes ele justifica pela diferença cultural ou por sua austeridade. Todavia, estes não são os únicos determinantes nos fatos.

Dentro dessas sociedades, de maneira mais ou menos evidente há uma política de mixofobia que, como conceituado por Bauman, representa uma atitude na qual “[v]ocê convive com estrangeiros e tem preconceitos em relação a eles [...]” (2009, p.87). Mesmo ocupando estratos empregatícios diferenciados – John trabalhando na IBM, uma prestigiada empresa de informática; e Vincet, trabalhador de uma Unidade de Descarte –, ambos se veem submetidos a horas de trabalho excessivas, irregulares e que tolhem suas vidas particulares (por vezes até em caráter punitivo), e percebem a não aceitação de si, mesmo estando eles mais ou menos dispostos a empreender os apagamentos exigidos (por si e/ou pelo meio) para vivência naqueles espaços. Assim, como John observa:

Quanto a ele, pode se vestir como um londrino, ir para o trabalho como um londrino, sofrer com o frio como um londrino, mas não tem nenhuma piada pronta. Nem em um mês só de domingos os londrinos o tomarão por um londrino de verdade. Ao contrário, os londrinos o reconhecem de imediato como mais um daqueles estrangeiros que por tolas razões próprias escolhem viver num lugar que não é deles. (COETZEE, 2005, p.114)

A marcação do espaço como não sendo deles (“lugar que não é deles”) é um dos pontos relevantes e caracterizadores da terceira representação do imigrante nas narrativas, pois, pela observação do fragmento em destaque, este “outro” não é visto como um sujeito social de direito, mas como um “lixo global que é descarregado nas ruas onde você [as pessoas presentes no evento¹] vivem” (BAUMAN, 2009, p.87). Ele é inscrito no lugar do usurpador, do desapropriador de um lugar que não deveria lhe caber ou ser disponibilizado a este.

Não deixando de refletir sobre o caráter de perpetrador criminal auferido a esses sujeitos, por serem concebidos como representantes potenciais de risco, um processo de desculturação e/ou aculturação é impingido a todos os estrangeiros que almejam Romdo (de maneira ativa) e se torna uma escolha de John, quando alega o desejo por perder as marcas da África do Sul (desculturação) e busca se incluir em algum segmento da sociedade londrina (aculturação), como denota o trecho seguinte:

E o que afinal significa ‘tornar-se inglês’? A Inglaterra abriga duas nações, terá de escolher entre elas, escolher entre ser inglês de classe média e ser inglês de classe operária. Parece já ter escolhido. Usa o uniforme da classe média, lê um jornal de classe média, imita a fala de classe média. [...] (COETZEE, 2005, p.114).

Como define Todorov: “O que é preciso crer e lamentar é a própria desculturação, degradação da cultura de origem, mas ela talvez seja compensada pela aculturação, aquisição progressiva de uma nova cultura, de que todos os seres humanos são capazes.” (1999, p.24). Este é o desejo de John, um desejo de inclusão, então, ele vai além da degradação de seus referenciais de origem, que consiste em se apossar da nova cultura, de modo ativo, substituindo marcos anteriores por marcos mais desejados, quistos e que simbolizam para ele um lugar superior, um espaço de pertencimento que, segundo a visão etnocêntrica e colonialista, está num patamar acima do seu mundo de infância.

Para Vincent e tantos outros habitantes de Romdo que não foram anestesiados pelo “paraíso ideal” de consumo que a cidade representa, as situações que levam à aculturação se apresentam quando são obrigados à crença de que o consumo é o caminho para a felicidade e para o estado de bem estar – propaganda que sustenta a

¹BAUMAN, Zygmunt. Neste capítulo do livro: “Confiança e medo na cidade.”, intitulado: Viver com estrangeiros, é uma transcrição (como indicado na obra) de uma Conferência Confiança e Medo na Cidade, no período de março de 2004, em Milão, por isso a referência ao público ouvinte.

cidade e sua aparente sobrevivência –, porém, para se almejar e atingir esse patamar de consumo é preciso ser o cidadão padrão, o cidadão ideal. Esse homem não pode e não deve apresentar marcas, ele deve ser desculturado de sua subjetividade anterior, já que não há permissão do porte de símbolos de memória ou aparecimento de costumes ou práticas não pertencentes à cidade. Romdo não confia ou gosta de imigrantes e exige em seu projeto de “tornar-se cidadão” o apagamento de marcas anteriores (da terra natal, por exemplo) desses indivíduos, como fica evidente no diálogo entre as personagens Re-1 e Vincent:

Re-1: [...] Aqui, em Romdo onde todos os sistemas são desenvolvidos para que possamos viver... um AutoReiv que não está disposto a morrer por um humano é um risco desnecessário.

- *Super close no rosto de Re-1 com Vincent ao fundo, fora de foco.*

Re-1: Seu trabalho é proteger os cidadãos desse elemento. Esse é o caminho mais curto para um imigrante se tornar um cidadão.

Mudança de foco na cena, agora um plano americano, onde Re-1 encara Vincent que está de costas para a câmera.

Re-1: Por falar nisso Vincent...

Vincent: Sim.

Re-1: Vejo que você ainda usa essa coisa.

Vincent: Bem, sim.

Re-1: Coisas cheirando a almíscar devem ser jogadas fora.

Plano de detalhe no pescoço de Vincent mostrando um colar com pingente, o qual a extremidade inferior está à mostra. Ele pega o pingente e esconde dentro das roupas.

Re-1: Não venha com isso à audição preliminar.

(Cap. 1, 00:09:09- 00:09:43)

Na cena narrada, a agente policial Re-1 deixa claro alguns dos princípios norteadores da política aos ‘exilados estrangeiros’ em Romdo. Essas pessoas têm de figurar como necessárias ao sistema da cidade (Vicent, por exemplo, é um trabalhador da Unidade de Descarte de robôs - função conferida a pessoas em sua situação de transição entre imigrante “‘expatriado” e cidadão) e, assim como os Autolaves (inteligências robóticas artificiais), não podem representar um “risco” desnecessário aos cidadãos.

O imigrante/estrangeiro tem conferido a si, nessa negociação, implicitamente, o papel de “mensageiro da desventura” ou ‘underclass’ (BAUMAN, 2009, p.79), num primeiro olhar, em alinhamento com o comentário de Said: “Em outras épocas os exilados tiveram visões transnacionais e multiculturais semelhantes, sofreram as mesmas frustrações e aflições, desempenharam as mesmas tarefas elucidativas e críticas [...]” (2003, p.46). São essas tarefas elucidativas e críticas que os torna possuidores da

capacidade de instaurar mudança, caos e questionamento ao que está posto. Todavia, num segundo olhar mais apurado o elemento figurativo que lhes pertence vai além da mensagem – que tem uma temporalidade de recebimento e entrega – ele tem um caráter de portador, aquele que é possuidor da mensagem, traz dentro de si essa mensagem – tendo ela sido construída ou não por uma série de circunstâncias sociais e subjetivas.

Primeiramente, nele há o perigo potencial da violência, do descumprimento, da desordem, da rebelião – já que provém de um ambiente ‘desconhecido’, geralmente (mas não sempre) atravessado pela hostilidade. Depois, por uma organização hierárquica de priorização lhe estão disponibilizadas cargas de subalternidade, para que façam a manutenção do sistema. Utilizam-se, portanto, e exercem a função de armas para o controle da desordem, a exemplo de Vicent que usa pistolas no exercício do seu trabalho e que pode não cumprir sua função de incapacitar os robôs infectados e fora do controle dos cidadãos da cidade. Além disso, eles são um constante lembrete das potencialidades de rejeição (uma exclusão latente) a que o “bom cidadão” não deseja estar submetido. Eles são um símbolo de que naquele sistema há uma divisão de hierarquias em que sempre haverá aqueles que controlam, governam, existem e usufruem dos bens e aqueles que ficam sob a superestrutura e até mesmo sob a infraestrutura – na qual a sociedade civil é um dos grandes representantes –, pois, quando a cidadania lhes é negada, mesmo que provisoriamente, o sujeito não se encontra incluído em nenhuma instância social politicamente representada ou representativa.

John, por sua vez, vem a sofrer esse medo quando pede demissão da IBM e passa meses sem vínculo empregatício, buscando burlar os meios de ser detectado, já que seu visto só tem validade enquanto estiver empregado (assim, representado um cidadão ao menos aceitável e útil àquela sociedade).

Uma representação imigrante que é trazida de maneira enviesada na obra de Coetzee é o sujeito estrangeiro que faz de sua passagem potência criativa, personagem que não está presente em nenhum dos protagonistas das histórias, mas que é uma figura que está presente no imaginário de John, quando continua em sua inquietante necessidade de ser um grande poeta (ou mesmo romancista, como em certo momento tenta sê-lo), um criador. Todavia, ele acaba por resvalar no labirinto de uma realidade que se mostra insípida e com uma fonte de criatividade e produção que parece estar secando.

Os criadores, fomentadores e inquietos são uma figura imigrante que não pode ser ignorada; como Said ressalta: “A moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados.” (2009, p.46); fato que se comprova por produções das épocas mais anteriores, com *A comédia* de Dante, por exemplo.

Essas figuras de potência e que se expressam também no devir (no ser sendo), não se apresentam para a construção benfazeja das sociedades, na aceitação dos espaços e na acomodação da vida, eles criam, como aponta Elizabeth Bachner: “The nation gets reinvented in creative works² [...]” (2002, p.7). O que ocorre, no entanto, como acaba por acontecer a John é que o desejo por uma nação, a ânsia pela criação perfeita ou que beira a perfeição e as situações adversas fazem sua fonte de inspiração, antes existente, fenecer – esses tentam ocupar espaços e acabem por cair nas contingências do real que apreendemos.

Artistas como Coetzee desenvolvem sua produção (trabalhos estes que se apresentam em forma de estudos, escritas, produções musicais, plásticas, entre outras) em um ambiente que em um primeiro momento parece não ser seu, e que mesmo dessa maneira, é potente e prenhe de vida.

² A nação é reinventada em trabalhos criativos.(Tradução nossa)

3 Faces de um cidadão ideal: solidão, memórias e transformação.

A busca pela posição de cidadão, através da perda das marcas, torna-se elemento definidor na construção e significação do “Eu” (psíquico existencial e social) que Vincent e John buscam formar. Curiosamente, para ambos o “Eu” está essencializado, operado em conjunção com o conceito de unicidade do sujeito que seguirá a padronização de civilidade dos seus espaços, um jeito de ser e de se ver considerado ideal em sociedade. Seus dilemas iniciam logo que se dão conta de que não se pode pensar em identidade (no singular) sem o esfacelamento de suas subjetividades, e que as relações são, constantemente, atravessadas por processos de identificação e processos identitários (em congruência com os processos de devir, ou seja, vir a ser em consonância com as reflexões de Deleuze). Ansiedade e angústia são sentimentos que passam a fazer parte do universo dessas personagens.

Mesmo sendo portadores de causas de vida e objetivos diferentes, o sonho compartilhado pelas personagens é o do cidadão ideal – arquetípico – inquestionavelmente pertencente àquele lugar, sujeito natural e aceito como parte de um todo, que está presente imperceptivelmente na concepção de nação, a qual é fomentadora do imaginário de uma identidade cultural, com pontua Stuart Hall (2006, p.47).

Apesar da compreensão de que o ideal de identidade nacional, de um “todo”, é uma utopia dedutiva, a unidade é um dos fatores que mais se alicerça nos conceitos de nação, nacionalidade e terra natal, as quais são as marcas que conferem um teto político, social (entre outros) a seus nascidos e posteriores ocupantes. A estes últimos o desafio pela permanência e a possibilidade de fracasso, de uma incapacidade de resistência que leve à desistência, são um fantasma que permanece na margem de suas mentes, como denotam as indagações de John ao começar a ver e refletir sobre as mudanças em si que lhe afetam:

E se ficar, porém, e fracassar desgraçadamente? E se, sozinho em seu quarto, começar a chorar e não conseguir parar? E se uma manhã descobrir que lhe falta coragem para se levantar, que acha mais fácil passar o dia na cama [...] O que acontece com gente assim, com gente que não consegue enfrentar o teste e surta?

Ele sabe a resposta. Essas pessoas são mandadas para algum lugar onde cuidem delas – algum hospital, asilo, instituição. Em seu caso, seria simplesmente mandado de volta para a África do Sul. Os ingleses já têm

gente suficiente para cuidar, gente suficiente que não passa no teste. Por que haveriam de cuidar também de estrangeiro? (COETZEE, 2005 , p.128)

Porém, existem sujeitos que, mesmo com seu pertencimento geográfico, *a priori*, assegurado, são estrangeiros em sua terra. Seja por um autoexílio, por uma sensação de descompasso, não encaixe, desencaixe ou pela sua exclusão enquanto figura na sociedade em que está, há um não reconhecimento de si enquanto partícipe de direito daqueles meios de produção, cultura e organização.

Para exemplificar este movimento de negação da exterioridade social, estão presentes aqui os hikikomori, que também integram o universo dos NEET (*Not currently engaged in Employment, Education or Training*) – termo empregado no Reino Unido. Eles são sujeitos que sentem o sufocamento, o tensionamento e a fragilidade desintegradora das amarras sociais, a partir de um movimento de solidão dos outros e de si mesmo.

Nos casos mais agudos de reclusão, o hikikomori sente a impossibilidade do estabelecimento de relações e percebe, sente, busca a racionalização e pontua internamente (em seu *self*) a exclusão social, emocional e humana que necessitaria enfrentar diariamente (seja no campo simbólico, físico ou em ambos).

No horizonte epistemológico de Paz: “[o] homem é nostalgia e busca de comunhão. Por isso, cada vez que se sente a si mesmo, sente-se como carência do outro, como solidão.” (PAZ, 2006, p.175). Os hikikomori e NEETs podem ser compreendidos representando o seu ‘estar só’ e a sua separação com a ruptura da necessidade pelo outro, que, apesar de ser apontada como primordial pelo autor da citação, sofre, neste caso, uma inversão de valoração. Estes sujeitos não se definem enquanto ausência do outro, mas enquanto manutenção de si, criação de um universo próprio e construção de uma possibilidade para continuar a significar sua realidade; como define o *hikikomori* Yasuaki Wada: “Hikikomori means to hide in one’s shell³.” (2004) Ocorre uma negação do contato entre uma realidade externa e seu espaço, ambiente externo o qual, muitas vezes, figura-se tecido e entremeado pela sensação de desamparo, repúdio, acossamento e humilhação empreendidos por aqueles que o cercam e/ou pela sensação de uma vigilância constante, castradora e sufocante de si, um superego que não somente está em sua psique, mas é materializado no mínimo olhar de um desconhecido.

³ Hikikomori significa se esconder dentro de si. (Tradução livre)

Num delineamento sobre os hikikomori e o Japão, Zieleneiger, jornalista estudioso do fenômeno hikikomori, escreve:

While hikikomori wants to “break out” of the enforced discipline of collectivism and seeks emancipation from these faceless jailers locking him in, these same gatekeepers shut out as much the outside world’s influence as they can in order to keep their systems functioning and their authority unchallenged.⁴ (2007, p. 269-270).

Segundo o autor, há uma atitude entre japoneses, em especial as autoridades do Japão que, buscando guardar suas raízes e sua cultura, debatem-se entre as tendências ocidentais (que aparentam maior liberalidade) e o seu tradicionalismo – sendo um dos principais representantes deste o coletivismo homogeneizante, o qual busca empreender o apagamento do sujeito no grupo, preponderando o coletivo sobre o sujeito.

Saindo da simplificação de patologizar os citados, encara-se essa negação do Outro e do espaço externo não apenas como um reflexo de impressões como também uma resposta a muitas demandas provenientes de uma racionalização do mundo e uma subalternização da subjetividade. Essa marca está presente, por exemplo, no processo de relegar ao segundo plano a subjetividade em prol de um objetivismo imparcial e preenchido de neutralidade científica. Este movimento existe, a bem da verdade, a partir da modernidade e seus descentramentos paradigmáticos estão fortemente presentes na cultura Ocidental.

Sato, protagonista de Bem-vindo a NHK, busca interpretar seu estado das coisas na simbologia de uma conspiração contra si e, através dessa visão, inicia sua narrativa na qual se debruça em mostrar o seu “mundo do quarto” e a possibilidade de saída dessas paredes e reinclusão na “confraternização social” (ele é impulsionado nesta direção por uma jovem que acaba por conhecê-lo na divulgação de uma revista na porta de sua casa). Em uma reviravolta na realidade de Saito, ele conhece Misake, que o convence a participar de um ‘projeto’ em que ela será a orientadora para seu abandono da vida de Hikikomori (a jovem até mesmo constrói um contrato com cláusulas punitivas no caso da desistência do protagonista). Curiosamente, é a relação, à primeira vista construída com o único objetivo de salvá-lo, que articula entre esses dois personagens uma interação primorosa que põe em evidência: a descoberta do abandono,

⁴ Enquanto o hikikomori quer fugir da disciplina forçada da coletividade e procurar emancipação desses carcereiros sem face que o aprisionam, esses mesmos guardas impedem ao máximo também a entrada da influência do mundo exterior para manter seus sistemas funcionando e sua autoridade não desafiada. (Tradução livre)

o ponto máximo da definição de solidão e a “busca do homem” empregada por Paz, em seu texto, *Dialética da solidão*:

A solidão, o sentir-se e saber-se só, desligado do mundo e alheio a si mesmo, separado de si, não é característica exclusiva do mexicano. Todos os homens, em algum momento da vida, sentem-se sozinhos; e mais, todos os homens estão sós [...] A solidão é a profundidade última da condição humana. (PAZ, 2006, p.175)

Neste último estágio da profundidade da condição humana a personagem John vê-se em abandono, distanciado, sente-se aflito em Londres quando se dá conta da frieza das paredes vazias, o ambiente gélido do inverno londrino, da vida de afastamento que tem e como o acesso às pessoas parece impossível:

As noites de sábado e domingo são o pior. É quando a solidão, que em geral consegue manter a distância, acaba se abatendo sobre ele, solidão impossível de distinguir do clima baixo, cinzento e úmido de Londres ou do frio duro de aço das calçadas. Chega a sentir o rosto ficando duro e estúpido de mudes; até a IBM e as conversas convencionais são melhores que esse silêncio. (COETZEE, 2005, p.60).

Acrescenta, após pedir demissão da IBM: “No período em que está aqui mudou bastante: Não tem certeza se para melhor. Durante o inverno que acabou de passar, houve momentos em que pensou que ia morrer de frio, de depressão e de isolamento. Mas resistiu, de algum jeito. [...]” (COETZEE, 2005, p.126). Ele sente a transformação na vida que possuía, nos modos que desenvolvera, para esse novo Eu que lhe é ainda desconhecido, pois se encontra em construção (ação que sente findar somente na estagnação da vida do campo), com elementos que não sabe valorar dentro da axiologia da vida. Em resposta só prossegue na resistência da sobrevivência.

Dentro desse imaginário de si e dos outros, mesmo desvinculado desse Outro que habita em seu redor – em algum nível – a casa, o quarto, ou seja, o lugar de habitação é um espaço de pertencimento para este sujeito, é o símbolo maior de repouso, descanso e acolhimento, quase uterino, como define Zielenziger: “[...] those who flee to the protective womb of their rooms rather than stake out an independent path that would eventually lead to self-awareness.⁵” (2007, p. 265). Essa é a dimensão em que constrói sua subjetividade emocional, racional, sexual, entre outras. Ali fica

⁵ Aqueles que escapam para o útero protetor de seus quartos ao invés de demarcar um caminho independente que eventualmente levaria à autoconsciência. (Tradução livre)

alicerçada a imagem de um lar, de um território de não julgamentos, uma nação de inclusão, distante da competitividade que a todo tempo se ergue em outros espaços.

Há diversas hipóteses levantadas para o fenômeno hikikomori, entre elas a impossibilidade de lidar com o julgamento alheio e as pressões construídas a partir desse julgamento – em especial em uma sociedade que busca a homogeneidade. No entanto, como fica evidente a partir do relato de Jun para o jornalista Michael, não são quadros patológicos e de trauma que abarcam e circunscrevem o ato de questionar a si e a sociedade, família e meio onde se está.

Jun sentia haver algo de errado consigo e com sua família e após uma viagem, na qual se deu conta de que era possível ser feliz sem dinheiro e coisas materiais, enfrentar a realidade do Japão o fez encontrar em si problemas que não se resolviam: “Throughout the next four years, Jun remained essentially paralyzed at home. ‘I began to understand how big my problem was. I started to read books. I thought and thought and thought... but I couldn’t go out’⁶.” (ZIELENZIGER, 2007, p.29). A ansiedade presente na saída, enquanto se tem em perspectiva as descobertas internas e externas feitas, que parecem indissolúveis, causam uma repulsão à coletividade e à convivência.

Em contrapartida a John e Vicent, Saito reconfigura sua vida no desfecho de sua narrativa e traz consigo Misake – momento em que esta tenta o suicídio. Ele sai do seu quarto e busca viver, naquela ficção do roteiro, levando-a para buscar a continuar a viver também.

Para as duas primeiras personagens, entretanto, o ápice das angústias presentes no falecimento das expectativas de portar existência, cidadania, representação e resignificação estão transcritos no ato de “morte ou vida” das narrativas, como fica presente nos fragmentos:

Vicent: Eu sempre, sempre me esforcei para ser um cidadão ideal.
A câmera durante a fala se desloca pela lateral do personagem que está num plano médio. Ela se movimenta das comportas da cidade à rampa onde Vincent ainda tenta se manter equilibrado.
 Vicent: Eu matei e capturei sozinho...
Câmera se aproxima paulatinamente do corpo de Vincent que está agachado.
 Vicent: Em qualquer lugar, em todos os lugares.
 Re-1: VINCENT!
 Vicent: E, depois de tudo, o resultado é esse... Eu sou um fracasso.

⁶ Ao longo dos próximos quatro anos, Jun permaneceu essencialmente paralisado em casa. ‘Eu comecei a entender quão grande era meu problema. Eu comecei a ler livros. Eu pensava e pensava e pensava... mas eu não conseguia sair’ (Tradução livre)

Da posição agachada, com o rosto voltado para baixo, o personagem começa a se levantar. Então, dá-se um close no rosto de Vicent, enquanto a cena anterior se sobrepõe aquela cena. A sobreposição finda em uma panorâmica em que o personagem está sobre uma rampa que se encontra apoiada pelas comportas e embaixo desta só há nuvens e o céu aberto cinzento.

Próxima cena em plano médio, onde Iggy segura Re-1 com o corpo e a impede de ser sugada.

Vincent: Por que?

[...] Super close na parte inferior do rosto de Vincent que é sucedido por um plano de detalhes no sorriso deste.

Vincent: Nunca questionar as ordens, somente obedecer... (voz mental)

Plano de detalhe em Vincent que está em foco se levantando.

Vincent: Esse é o caminho para se tornar um bom cidadão.

[...] Vicent: Mas parece que eu não vou conseguir me tornar um bom cidadão.

[...] Vicent: No fim das contas...

As comportas são focadas num plano de detalhe e principiam seu fechamento.

[...]

Zoom in em Vincent, enquanto se prepara para se soltar e cair de costas. O rosto é projetado para frente. Progressivamente, ocorre um close no rosto, no momento em que pela primeira vez o personagem abre os olhos, que são verde amarelados. [...] As comportas vão se fechando, Vicent e Pino vão sumindo fora das portas. Ele ainda segura as barras de ferra da rampa [...]

Vincent: Acabou.

Super close nos olhos de Vincent.

Vincent: Já chega... acabou.

Ele fecha os olhos e se lança de costas no ar [...]

(Capítulo 3. 00:21:41 – 00:23:40)

O ato de morte é o ato maior de solidão.

As três caracterizações trazidas à análise continuam na busca de resignificação de si e do ambiente – apesar dos desfechos existentes, que pendem na tentativa de suicídio, a aceitação entorpecida e a mudança de perspectiva sobre a realidade. São elementos sociais que literatura e mídia de massa trazem cravadas na proposta de relato do que pertence e está posto aos homens e mulheres de nossa contemporaneidade.

4 Hikikomori: trajetórias de um caminhante solitário.

Como a etimologia da palavra configura de maneira sumária o termo hikikomori é atribuído a alguém “apartado, retirado, afastado socialmente” (“The Japanese word joins together the word *hiku* or ‘pull’, with the word *komoru*, or ‘retire’, to render the meaning ‘pulling in and retiring’.” (ZIELENZIGER, 2006, p.17)). Há referências em alguns outros veículos virtuais ou científicos sobre a significação do termo, como o *Urban Dictionary* ou o *Oxford Dictionary*, que se limitam a descrever o hikikomori como alguém que dorme durante todo o dia, que tem horror ao convívio social de qualquer maneira, que se fecha completamente a qualquer tipo de contato social e se limita a um espaço reduzido, fazendo, portanto, referência, de maneira consciente ou não, a quadros de fobias e alguns outros transtorno psíquicos. Essa compreensão é apresentada como equivocada por Zielenziger quando se expressa em seus escritos: “[t]hey [hikikomori] are not depressives or psychotics [...] When psychiatrist evaluate hikikomori the [...] standard guide used in West to diagnose mental disorders, their symptoms cannot be attributed to any known psychiatric ailment.”⁸ (2006, p. 17).

Apesar deste termo, em primeira instância, ser direcionado, pelo caráter vocabular, ao Japão – neste país o uso do termo esteve historicamente empregado para pessoas que se retiravam para o campo após se aposentarem – hoje, no entanto, este fenômeno não está situado somente no contexto da cultura nipônica. Numa averiguação quanto às esferas comportamentais e sociais observadas no fenômeno citado, essas têm sido encontradas, em diversos outros países, como a matéria do *Le Monde* expressa. Gozlan relata a existência (até aquele momento e segundo seus específicos aportes científicos, em matéria) de cidadãos na Itália, Espanha, Coreia do Sul e França que apresentaram comportamentos e convívios sociais similares, os quais não se enquadram na sociedade de celebração vigente.

Como conceituado ao personagem Sato Tatsuhiro, numa fala do mangá *Bem-vindo a NHK*, o conceito de sua “patologia” – pois, não desejar o convívio social é uma anormalidade, segundo o discurso oficial e não oficial corrente – é: “[...] [a] psychological illness that results from a failure to integrate well with the world at

⁷ “A palavra japonesa aglutina a palavra *hiku* ou ‘puxar’, com a palavra *komoru*, ou ‘aposentar-se’, para compor o significado ‘puxar e se aposentar’”.

⁸ “Eles [hikikomori] não são depressivos ou psicóticos [...] Quando psiquiatras avaliam hikikomori o guia padrão usado no Oeste para diagnosticar desordens mentais, seus sintomas não podem ser atribuídas para algumas conhecidas doenças psiquiátricas.”

large⁹.” (2010, p.112). Essa fala é corroborada em recorrentes momentos dos tomos da narrativa, descrevendo a ele e a outros como tendo: “social withdrawal syndrome”, ou seja, a síndrome do distanciamento social.

4. 1. Historicidade e contextualização: Individualidade, subjetividade e solidão

O retirar-se e o momento de estar a sós em si são termos referidos e imagens recorrentes para a descrição da vivência da solidão. A experiência da solidão já se concebe desde a antiguidade greco-latina, quando foi feita alusão à prática do exílio de membros das *polis* e comunidades e as referências aos espaços onde esta se expressa: os lugares da desordem, angústia e/ou desejo, como comentado por Tanis (2003). Mas, esta vivência começa a ser percebida, no que tange à subjetividade humana, com a mudança da sociedade para a era moderna e a transformação de seus valores, a exemplo do surgimento da noção de indivíduo e seus desdobramentos, pois a solidão é feita, conformada e preenchida da unidade do ser individual. Ambos bailam e são articulados.

Entre as muitas mudanças trazidas no Renascimento e a partir dele, em caráter político, econômico ou social, o das ideias foi o campo que sofreu as mais profundas transformações. Entre essas transformações citam-se a noção de individualidade, o conhecimento do “eu” em detrimento do “nós”, o racionalismo, o liberalismo, a criação do espaço privado, em um instância mais geograficamente descritiva, a diferenciação dos paradigmas do público e do privado – os quais estabelecem as ocorrências que seriam permitidas em cada instância para um controle maior das pulsões e, portanto, uma modelagem mais rígida das emoções, entre outros.

Em um sentido político, as mudanças para um regime onde o Estado e o capital são régios e prioritários levaram ao surgimento das concepções de propriedade privada e direito natural, chegando até o estímulo ao consumo de bens de mercado. Nesse ínterim, o contrato social erige a soberania do Estado sobre o homem que se submete às leis a fim de ter individualidade e privacidade (conceitos trazidos e postos em prevalência pelas mesmas forças que o submeteram). Tudo isso é regulado segundo um ideal antropocêntrico, em que o desencantamento do mundo e a quebra das amarras holísticas tornaram o homem a medida de todas as coisas.

⁹ [uma] doença psicológica que resulta de uma falha para se integrar bem com o mundo em geral. (Tradução livre)

Outra configuração historicamente determinante foi a Revolução Industrial – um marco na diferenciação das famílias, relações sociais e no entendimento do desenvolvimento das sociedades. Neste período houve a criação das cidades, uma primeira conformação das inúmeras que são conhecidas e habitadas hoje. Muitas expectativas, no universo europeu, surgiram a partir de tantas mudanças, especialmente com a queda das monarquias e surgimento de outras formas de organização política e depois a progressiva e crescente assunção de muitos “novos” estados nação – esses entendidos enquanto novos em uma concepção homogeneizante de nação, com seus símbolos caracterizadores e diferenciadores. O liberalismo está incluso como filosofia estruturadora destas nações, o que se desdobra na organização do subjetivo e no entendimento do indivíduo como “unidade isolada vinculada aos outros por sistemas contratuais.” (TANIS, 2003, p. 47)

O ápice do entendimento deste “eu” narcísico da modernidade, para muitos autores, se mostra no Romantismo com seu caráter de protesto às mudanças vislumbradas, mas não cumpridas pela nova ordem de sociedade capitalista pós-revolução industrial. O liberalismo, o sistema desta sociedade, de foco fundamentalmente econômico, pautado no raciocínio instrumental, no espírito do cálculo, na dominação burocrática e no desencantamento do mundo – premissas do espírito capitalista, relatadas por Weber – são óticas criticadas por levarem a uma ruptura sentida enquanto perda maior, um vazio quanto ao real, uma alienação das relações humanas, um isolamento do indivíduo, especialmente pensando no espaço da cidade, entre outros fins.

Logo, segundo a visão dos românticos, a solidão é uma experiência na busca de si ou como meio de demonstrar a incomunicabilidade do “eu” com o outro. O outro e o contato com este aparecerá como um referencial para afirmação das singularidades do observador ou um meio de autodescoberta, estando integrado a um grupo em sua igualdade, porém “sozinho com suas forças”.

A cidade acaba por ser o marco maior para criar este homem moderno que passa a ser visto em seu isolamento, alienação, nos seus afastamentos em interesses privados, ao mesmo tempo em que integra as massas, a multidão indiferenciada, “multidão solitária”, mas também dominada por forças impessoais e irracionais. Neste momento, os refúgios da intimidade, representados pelas quatro paredes onde residem as famílias aparecem tanto como ponto de abrigo como instância disciplinar. Tornar-se um ponto ao redor do qual gravitam outras instâncias e as tantas outras figuras sociais que, muitas

vezes, não são possuidoras desse núcleo comum, como mendigos, órfãos, encerrados em instituições de repouso, de regulação mental, entre outras.

A instituição da família é um núcleo multiforme que perdura da marcação histórica anterior até a atualidade com a função reguladora primária. No entanto, o período no qual se transita hoje é perpassado pela mudança de todo um sistema de coisas: a fotografia, a higiene pessoal, a quarto privado, o espelho, os meios, prática e entendimento da comunicação, a rasura das identidades essencializadas, a construção de um comércio, economia e, por que não dizer, política marcada pela acefalia, pela não responsabilização de uma entidade ou instituição por seus bens de produção, simbólicos ou físicos – mesmo que estas possam ser nomeadas, são de difícil acesso e interação para o indivíduo –, a perda do crédito depositado no fenômeno de instauração do controle social instituída pelo contrato social prometedor de: segurança, organização, normalização, extintora dos “medos”.

Os medos, estes, são a marca mais emblemática de presença até aqui posta, a sua mitigação era uma promessa de mudança da modernidade, e como tantas outras não conseguiu vingar, e em diálogo com este conceito o amor e entendimento dele sofre mutação. O medo e o amor se correlacionam na roupagem que se descortina. O amor, na sua concepção romântica, acaba por ser o agente salvador quando os ideais coletivos são colapsados, deixando aos sujeitos, nas suas dialéticas da solidão, o compartilhamento do exercício desta e a busca por uma identidade neste espaço de afetos. E, ainda na esteira deste diálogo, a família aparece como instância de múltiplos papéis como evidencia Tanis:

O teatro familiar será palco de grandes batalhas pela afirmação da individualidade. [...] Vinculada à vida econômica de seus integrantes, instância representativa da lei e do Estado por intermédio da figura real e simbólica do pai, reguladora e disciplinadora da sexualidade, refúgio frente a alienação do indivíduo na multidão, a família burguesa fornecerá a matéria-prima para o eu, cada vez mais introspectivo e indagador, colocar em crise as representações estabelecidas.” (TANIS, 2003, p.59)

Já o medo, estará como uma segunda pele agregada a esta sociedade, não só aquele em primeiro grau, representado pela agressão física e violência explícita, como também um medo segundo e decorrente, que se recontextualiza, que causa a sensação de suscetibilidade ao perigo, à vulnerabilidade e a insegurança, agente que desestabiliza os marcadores subjetivos, pelo frenesi do desconhecido e imponderável, o incontrolável que permanece como uma névoa perene possível de capturar. Estas sensações são

sublimadas pelo Estado para a permanência da “ordem social” e da continuidade da comunicação em uma sociedade da espetacularização, que é ululante e narcísica.

4.2. Bem-vindo a NHK

A compreensão da solidão e da subjetividade – onde amor, medo, desamparo e outros sentimentos e impressões se fazem presentes – é construída a partir de todo o histórico citado, pois as transformações já vinham sendo gestadas naquelas temporalidades e sofrem novas conformações e assumem polissemias nestas vivências. A solidão como carro chefe aparece interior ao homem, mas exterior à sua concepção enquanto sujeito social, sendo, pois: “[ta]l sentimento de solidão aparece como um “fora do homem”, um inumano externo ao humano ou, para alguns saberes psicológicos, uma doença que deve ser curada. [...] Para ser mais preciso, diria que a solidão se impõe contra a consciência do homem normativo contemporâneo, que só admite a existência social do humano.” (p. 29-30, KATZ). Portanto, qualquer existência fora da social se classifica enquanto transgressora, patológica, e, em última instância, inútil e contraproducente. É nesta compreensão que a existência de Sato incomoda e rasura os espaços de obviedade instituídos.

Bem-vindo a NHK é uma narrativa de um jovem homem, Tatsuhiro Sato, distante do convívio social recorrente há quatro anos, não tendo contato algum com outros indivíduos há um ano. É nesse momento que a ficção tem início e contará não somente suas práticas cotidianas e vivências particulares com a família, vizinhos, antigos colegas e afins, como também os dilemas de viver em um mundo urbano, sob a necessidade de atender expectativas maternas (modo que é representada sua conexão familiar), dos que o cercam, direta ou indiretamente, e de si mesmo quanto aos lugares onde deveria estar (emprego, trabalhos e outros); as relações que deveria estabelecer (namoros, amizades e contatos), entre tantos outros tópicos.

As primeiras visões que se mostram sobre Saito é sua visão da localização temporal onde está e de si: [...] Mas isso acaba hoje! Porque eu decidi abandonar de vez a vida de parasita...” (p.9) e “Sim! Eu me enquadro na última tendência de comportamento do Japão! Sou um hikikomori!!! Tatsuhiro Sato, 22 anos, na crista da onda das questões sociais.” (p.10), porém, ao mesmo tempo em que se assume neste espaço, apresenta, após a primeira fala sobre “ser um parasita”, o ideal do que pensa dever ser: “E agora é a hora do meu triunfal retorno à sociedade!! SIM, EU VOU

TRABALHAR!! Ninguém mais vai me chamar de “hikikomori” [...]” (TAKIMOTO,2010,p.10) Assim como ele muitos outros hikikomori compartilham da aspiração de no futuro tornar-se um ‘pessoa normal’, como narra Taka: “I wanto to be a regular person, the person who can go out with friends and be a normal guy.¹⁰” (ZIELENZIGER, 2007, p.33)

A partir destes fragmentos iniciais fica evidente haver uma marca inerente ao qualificador kikomori, como um símbolo não positivo, de valoração negativa, até existem ainda sinais semânticos que demonstram a delegação do pertencimento a este espaço como um: fechamento neste estado de ser que é representado pelas não inserções, os chamamentos deslegitimantes, a afirmação do pertencimento da política do “outro lugar”, a margem e o indesejado. Conceitos estes evidenciados quando Saito é abordado em sua porta, ao realizar o exercício de sair de si e de seu espaço de vivência por uma mulher em uma “religious solicitation” tentando lhe vender uma revista, na qual estava escrita, entre outras coisas: “O fenômeno hikikomori, você se acha imune?” (TAKIMOTO, 2010, p.16).

As palavras presentes naquele veículo de comunicação provocam tal ruptura na personagem que o faz evidenciar as ações que o definem no espaço assinalado e que levantam a questão de seu direito de existência, enquanto fala com expressão enlouquecida ele se questiona, em uma discussão mental, o porquê de estar dizendo e fazendo tudo aquilo para aquelas mulheres:

– Hikikomori? Imagina!! E por acaso tenho cara de quem ficou trancado em casa durante quatro anos?! – fala com expressão de riso histérico e lágrimas nos olhos.

– C-C-C-Claro que não, né?! Poxa!

– Acha que eu estou há mais de um ano sem falar com ninguém?!

Caixa de pensamento: Ai, ai... Tô perdido...

– Ou que os sintomas de hikikomori me fizeram desistir da faculdade e ficar sem emprego?”

Caixa de pensamento: Será que eu sou um imbecil?

– Ou que eu não tenho a menor esperança no futuro?! Impossível, né?!

– Então!! Deixa de ser boba, minha senhora!! Se eu “me acho imune”? Assim a senhora me ofende!!

– Se rezar curasse um hikikomori, eu não estaria sofrendo tanto assim, né?!

Caixa de pensamento: Eu não acredito em mim...

- O que é que vocês sabem sobre isso? Vocês nem me conhecem...!! Vocês nunca iriam entender...” (TAKIMOTO, 2010, p.17-18).

Este momento marca uma surpresa tanto para as pessoas paradas à porta e um

¹⁰ “Eu quero ser uma pessoa normal, a pessoa que sai com os amigos e é um cara normal” (Tradução livre)

profundo constrangimento ao protagonista que se dá conta do nível de exposição ao qual acabou ficando sujeito. O fechamento desta cena ocorre com a fuga por parte da solicitante dizendo estar ocupada e a troca de um olhar entre o protagonista e uma garota que estava com a senhora. Esta o encara de olhos arregalados. O protagonista acrescenta em pensamento: “Tá olhando o quê, porra...?” e a jovem sorri para ele.

Assim como Saito, Kenji tem grandes dificuldades de interação e, de modo aflitivo, não sabe lidar com essas situações, levando-o a narrar suas emoções desse modo: “I have two personalities,” he told me quietly. ‘One part of me doesn’t want to go out and the other does. They are fighting with each other constantly’¹¹.” (ZIELENZIGER, p. 24). Zielenziger é um jornalista que acaba por trabalhar como conselheiro em um centro para hikikomoris. Em seu livro, *Shutting out the sun*, ele delineia uma história do Japão, desde antes da Guerra Fria, fala das diversas reviravoltas pelas quais o país passou, a fim de contextualizar o leitor sobre as precedências que fazem dessa nação a sociedade que é hoje.

Enquanto elabora esse roteiro elucidativo também traz o relato de alguns jovens que conheceu e os quais compartilharam suas vidas em autonarrativas com ele, buscando proteger as figuras que estiveram próximas a si e das quais se utilizou para compor o imaginário do leitor. Ele criou nomes fictícios, a exemplo de Kenji, o qual ele continua a narrar a história sob a ótica ouvinte, desta vez:

For Kenji, just opening the front door to fetch the morning papers requires him to master up superhuman courage. After all, he might accidentally bump into a neighbor or a deliveryman, an encounter that would leave him frightfully embarrassed or profoundly ashamed because he does not know how to explain himself. [...] Kenji is constantly obsessed with what others might think of him.” (ZIELENZIGER, 2007, p. 25)¹².

Este homem do qual o autor fala passou por um longo tempo de reclusão (20 anos) e se sente embaraçado e indeciso quanto ao que dizer e como agir perante a situação de um simples encontro com pessoas que podem fazer ou não parte de seu universo pessoal.

O ato da ruptura comunicacional nem sempre é uma forma consciente de ação

¹¹ “Eu tenho duas personalidades.” Ele me disse quietamente. “Uma parte de mim não quer sair e a outra quer. Elas estão lutando entre si constantemente.”

¹² Para Kenji, o simples ato de abrir a porta da frente para pegar o jornal da manhã demanda dele uma coragem sobre-humana. Afinal, ele pode acidentalmente se deparar com um vizinho ou o entregador, um encontro que o deixaria assustadoramente embaraçad[o ou profundamente envergonhado porque ele não sabe como explicar a si mesmo. [...] Kenji está constantemente obcecado com o que os outros podem pensar dele. (Tradução livre)

por parte de muitos hikikomoris. O que ocorre, muitas vezes, é um fechamento em si acompanhado pela necessidade de aceitação que batalha em si ao mesmo tempo; porém, o “treinamento” desenvolvido desde a infância para essas situações, o qual se obriga a estar exposta toda a população do mundo, com seus ambientes de interação e exposição a momentos de fala e julgamento (porque o julgamento é um conceito que atormenta os nipônicos) não é mais registrado pela consciência e inconsciência desses sujeitos como um ambiente de conforto, relaxamento e que incite a vontade de envolvimento e permanência.

Assim, o isolamento parece um obstáculo, por um lado, pelas demandas e necessidades suscitadas e inerentes às cidades – pois, a todo tempo existe a possibilidade de abordagem no ambiente doméstico, seja por um pedido feito por outrem, por uma visita, por uma solicitação de fala para aconselhamento ou abordagem religiosa, como no caso de Saito – um alívio, por outro lado, por ser o lugar do estar só, da solidão construída, o espaço de reflexão, construção, desconstrução, questionamentos, reformulações, inatividade e do ócio.

Katz expressa um conceito que se desapropria do imaginário que nega a solidão a todo tempo, dando deixo a uma visão positiva desta – que não é necessariamente a ideal, mas que traz laivos de outras discursividades –, evidenciando o descompasso na compreensão do fenômeno e os interesses inerentes a todo o processo valorativo na fala a seguir:

Outra indicação [...] é que estatuir a solidão positiva se choca imediatamente com a concepção universalizante de que os indivíduos têm que viver em sociedade, circulando suas falas através de uma linguagem unificadora e curativa, partilhando todos os seus sentimentos e emoções.” (KATZ, 1996, p.30)

Kenji pode se ver tolhido e envergonhado, mas Saito chega a níveis profundamente difíceis de tensão, que são dissimulados por sua aparente inexpressividade após o diálogo travado, representado pelo momento de rompante que tiver; entretanto, o desenrolar da cena se dá pelo uso de alucinógenos, drogas “lícitas” – classificadas desta maneira pela personagem – compradas online, a qual é cheirada. A cena se desenvolve com o pensamento: “Eu vou me matar” (p.20) e o acréscimo: “Até parece! Como se eu tivesse coragem... Por isso, em vez de me matar, usei um destes calmantes 100% naturais (?) que comprei pela internet. Pra poder me ejetar por um tempo deste mundo cão... rumo ao paraíso” (p.21). O lado de fora é um povoado de

rejeições, de não controle que o faz se sentir despreparado, desnorteado de suas próprias decisões e lugares, exposto a uma figura de si que o envergonha e inibe, ou na qual não se reconhecem; espaço que é visto, ainda, como frenético, incômodo, de inquietude, fora de seus parâmetros.

Os protagonistas, no entanto, não rejeitam o fora enquanto concepção espacial, pois, ainda, se desejarem, se movem e transitam nessas disposições geográficas, mesmo que no período mais avançado da noite ou na madrugada, são avessos, sim, às representações e situações em que se vêm obrigados a compor socialmente pela habitação de um espaço, como Zielenziger e Jun, o último sendo um relator em primeira pessoa, narram, respectivamente: “The tranquil few hours before dawn are strangely precious to Jun. [...] Only on the rare dark nights when he can gather the courage to venture out of his tiny room, can Jun be in the world yet be himself [...]”¹³ (p.15) e “I have an arrow deep inside of me,” Juan said me once [...] At night you can go out when other people can’t see you... If I didn’t go out at all on those nights,” he added darkly, “I’d probably have done something violent to my parents.”¹⁴ (p.16)

O desejo pela violência e a prática dessa é um sentimento subjacente aos enfrentamentos e tensões existentes na relação destas personagens com suas famílias e/ou com pessoas de seu convívio ou mesmo com elas mesmas, suas mentes, suas visões de normalidade e do que seria “certo” a se fazer, ou como aparentar ser perante os outros, estas dinâmicas estando postas de maneira mais ou menos explícitas. Alguns os narram por sentirem que a pressão sobre si só tende a aumentar com o passar do período de isolamento, afinal há uma perda do respeito da comunidade (*sekentei* negativo), “[...] todos vão me menosprezar, vão rir de mim” (Saito, p.22) e “In Tokyo’s crowded old neighborhoods [...] They [neighbors] always [...] aware of their neighbors’ move. [...] They were watching me, but indirectly [...] I was some “trouble-marker””¹⁵ (Jun, p.27). Este estigma os desvanece e fragiliza ainda mais sua relação com o desejo de relacionar-se, a marca de ser mal visto não fica obrigada apenas as suas figuras, como também se expande para suas famílias, que são consideradas incapazes, são postas de lado em convites, são entendidas não tão dignas ou que não souberam prover

¹³ “As poucas horas tranquilas antes do nascer do sol são extremamente preciosas para Jun. [...] Somente nas raras noites escuras quando ele pode reunir a coragem para se aventurar fora de seu apertado apartamento, Jun pode estar no mundo ainda sendo ele mesmo.”

¹⁴ “Eu tenho uma flecha apontada pra mim.” Juan me disse uma vez [...] A noite você pode sair quando as pessoas não possam te ver [...] Se eu não saísse em todas aquelas noites” ele acrescentou sorumbático, “Eu provavelmente faria algo violento aos meus pais.”

¹⁵ “Na velha vizinhança super povoada de Tokyo [...] Eles [vizinhos] sempre [...] [estão] atentos aos movimentos dos vizinhos. Eles estavam me vendo, mas indiretamente [...] Eu era algum problemático.”

orientação correta para os membros que compõem sua “casa”.

As famílias perante a reclusão de seu membro (ou membros) assumem, entre muitas possibilidades de relação com o tema, basicamente duas posturas, uma de total ignorância, no qual o indivíduo é posto à margem da dinâmica geral. Ele é escondido dos olhos alheios, evitando a vergonha, sendo justificado seu apartamento por todo o tipo de fatos; ou uma de reatividade¹⁶, por vezes agressiva, como no vídeo mostrado em que alguém, de gênero não identificado, é retirado à força de seu quarto por seus parentes e posto fora da casa.

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=CKRpx2AhbmK>

Circuitos conectados: pontos de uma chegada provisória.

A solidão contemporânea é vista como uma ruptura, um não lugar onde se está, por muitas vezes, portanto, espaço patologizado, que necessita da intervenção médica e/ou institucional para a ressocialização de seus participantes. Não está permitida a estes o “fenômeno” da autonomia de vivenciarem sua solidão como um espaço de experiência com o eu e suas singularidades, espaço produtivo quando o contato com o outro não é quisto, desejado ou profícuo na configuração da subjetividade do sujeito citado. Essa visão delineada ainda segue um entendimento de solidão como encontro de si, porém estabelece uma relação de ir além deste ponto, pois este encontro se dá de modo desejado, sendo o espaço de fora e o interação o não desejado, porém, por vezes, vislumbrado.

Essa solidão ganha axiologia despropriadora e inquietante quando há a necessidade e busca pelo Outro, aí, então, os estrangeiros, em sua terra e outras partes ao redor do globo, e tantas outras figuras, passam em suas convivências diárias por momentos de deslegitimação de seus direitos, feitos de modo oficial ou não, e hierarquização dos espaços, levando a situações claras de xenofobia ou mixofobia, tolhendo e impossibilitando o cumprimento de desejos de recomeço ou de encontro de um caminho melhor, em que a subjetividade possa descobrir um espaço de pertencimento.

No entanto, os hikikomori, não almejam esse espaço como lugar construtivo em um primeiro momento de descoberta, eles fazem daquela vivência um refúgio frente a um ambiente social que lhes é e parece deveras hostil. Também no âmbito familiar – o qual, por muitas vezes, está desapropriado de afetividades que são por tantos deles almejadas na busca de um equilíbrio, perante um mundo que os rechaça, os ignora, ou põe em dúvida seus potenciais. Num segundo momento, esse espaço principia a ser representado como um lugar do ócio, da reflexão, do questionamento à validade da inclusão em sistemas cada vez mais castradores – apesar de também críticos e construtivos, como as instâncias escolares formais. Na construção de uma poética do silêncio, preche de leituras de mundo atravessada por suas próprias vivências, e que, por isso, em sua particularidade desejam o Outro, o pertencimento, a transformação que os possibilite fazer da sua “casa” de nascimento a mudança para o sistema das coisas, onde sejam contemplados e queridos.

Talvez, este desejo por pertença seja a chave para grande parte do embate que se

desenvolve na busca do entendimento da subjetividade e das inquietações nestes cenários descritos, ponto esse que deixa em exposição a questão que o universo subjetivo é, ainda, um ponto menor perante a racionalidade objetiva que busca a diminuição de premissas para a formulação de suas soluções melhores, com maior potencial de uso e acertos, por parte dos ditos parâmetros reguladores e moralizantes da sociedade. Esse subjetivo, que apesar de sua porosidade e estreita relação com a história da sociedade permanece entendida como problemática por não ter aportes definidos claramente, fica circunscrito enquanto aceitável para o espaço criativo, criador, aquele associado ao artístico, ou na categoria médica, com a psicologia e psiquiatria, para ser analisado.

Nesse universo John, Vincent, Saito, Jun e tantas outras personagens já discutidas, amalgamam suas vivências e compreendem particularmente o silêncio em diferentes esferas de conforto ou desconforto em suas auto narrativas: para John existe uma melancolia inaudita na esfera de seu quarto, com um colega do lado, o qual não gosta, mas que lhe serve de companhia ocasional; já Vincent interioriza esse silêncio com contemplação, não a princípio, pois a rotina de sua função em Romdo o restringe ao medo da expulsão, porém quando livre do sistema da cidade envolve-se em silêncio como um hábito, uma discursividade sem alardes; Saito produz no silêncio, seja por reflexão, por relaxamento, por prática de jogos virtuais, pela criação de seu game, pelo uso de entorpecentes e transita no espaço de fora, mas está compulsivo na representação pela dissimulação para lidar com a sociedade e suas relações; então, Jun e outros hikikomori usam multiplamente este silêncio como uma construção de discurso, eles não verbalizam aos outros o que está errado no pensamento e construção que o capitalismo social que se tem até aqui, eles não querem lidar com ele, e este não é um abandono efêmero, é uma negação do sistema das coisas, um não estar acompanhado, com dito por Katz, é um pedido velado do não castramento de seus desejos, pela possibilidade de autonomia de suas solidões, nas quais o suicídio não é a saída em que eles sempre pensam como possível.

Os fenômenos contemporâneos sugerem um esfacelamento das relações sobre os moldes da convivência normativa, que nunca se deu de fato, e uma reafirmação dos espaços, simbólicos ou geográficos, enquanto fluídos, fomentadores da autonomia de si, porém, ao mesmo tempo, exibindo uma arraigada necessidade humana pela inscrição, pelas memórias, pelas marcas de habitação, num constante paradoxo do sujeito, especialmente enquanto errante solitário cidadão.

REFERÊNCIAS

BACHNER, Elizabeth. “*Mad and Navigating Blood*”: Exile and Radical Creativity. 2002. Disponível em: <<http://www.newschool.edu/tcds/Elizabeth%20Bachner.pdf>>. Acesso em: 12 dez 2012.

BAUMAN, Zigmund. Viver com estrangeiros. In: ____Confiança e medo na cidade. Tradução: Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zigmund. *Medo líquido*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Zigmund. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

COETZEE, Joshep C. *Juventude*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

GOES, Rodrigo de; MATSUDA, Michel; NAGADO, Alexandre. E-book. *Cultura pop japonesa: Histórias e curiosidades*. Independente, 2011.

GOZLAN, Marc. *Des cas’ “hikikomori” en France*. Le Mond Science et Techno. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/sciences/article/2012/06/07/des-cas-d-hikikomori-en-france_1714707_1650684.html>. Acesso em: 6 set 2014.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro. 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KATZ, Chaim Samuel. *O coração distante: Ensaio sobre a solidão positiva*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

KREMER, William e HAMMOND, Claudia. *Hikikomori: Why so many Japanese men refusing to leave their room?* BBC World Service, 2013. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/magazine-23182523>>. Acesso em: 10 ago 2014.

MACHADO, Roberto. Literatura e devir. In: _____. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009. p. 213-216.

PAZ, Octávio. Dialética da solidão. In: _____. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Tradução Eliane Zagury. 4º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p.175-191.

PAZ, Octávio. O Pachuco e outros extremos. In: _____. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Trad. Eliane Zagury. 4º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 13-29.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.

SOLOMON, Andrew. Suicídio. In: _____. *O demônio da meia-noite: uma anatomia da depressão*. Tradução: Myriam Campello. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TAKIMOTO, Tatsuhiko. *Welcome to the N.H.K.* Tradução: Drik Sada. Rio de Janeiro: Panini Brasil Ltda., 2010.

TANIS, Bernardo. *Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

TODOROV, Tzvetan. Voltar. In: _____. *O homem desenraizado*. Tradução: Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 11- 29.

ZIELENZIGER, Michael. *Shutting out the Sun*. How Japan created its own lost generation. New York: Vintage Books, 2007.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS:

Hikikomori echado a la fuerza de su cuarto. Visto em:
<https://www.youtube.com/watch?v=CKRpx2Ahbmk>

MURASE, Shukou. Dir. *Ergo Proxy*. Manglobe Inc, 2006.